



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

Análise das Experiências e Percepções dos homens sobre a
violência no sistema familiar, em Maputo - 2023

MONOGRAFIA

Hussene Juma Aly Nordino Hamuza

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia, Vertente de Psicologia Social e Comunitária.

Maputo, 2023



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

Análise das Experiências e Percepções dos homens sobre a
violência no sistema familiar, em Maputo - 2023

MONOGRAFIA

Hussene Juma Aly Nordino Hamusa

Supervisor: Prof. Doutor Augusto Joaquim Guambe

Maputo, 2023

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu Hussene Juma Aly Nordino Hamuza, declaro por minha honra que esta monografia é fruto das minhas pesquisas e da ajuda do meu orientador e supervisor e nunca foi apresentado em nenhuma instituição de ensino para a obtenção de nenhum grau acadêmico.

Maio de 2023

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à todas as pessoas que me apoiaram e incentivaram ao longo do processo desta pesquisa e escrita. Em primeiro lugar dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me deram todo suporte necessário para que eu pudesse alcançar todos os objetivos acadêmicos.

Sua confiança e incentivo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Dedico também aos meus professores, que foram fontes de conhecimentos e inspiração ao longo da minha trajetória acadêmica. Seu ensino e orientação foram essências para o desenvolvimento desta monografia.

Agradeço também aos meus amigos, que estiveram ao meu lado durante todos momentos, compartilhando alegrias e felicidades, e pôr fim a mim mesmo sendo que sempre lutei e acreditei que com perseverança e determinação chegaria longe e que nada poder-me-ia impedir de concretizar e alcançar os meus objetivos. Mais do que ninguém eu sou a chave do meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento para a realização desta monografia.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus todo poderoso por ter me concedido essa oportunidade, aos meus pais, o senhor Juma Aly Nordine que a misércordia de Deus recaia sobre ele, e em especial a minha querida mãe, a senhora Gloria Joao Ubisse que puderam criar-me e educar de modo a conquistar e me tornar no ser que sou hoje.

E ao meu orientador Prof. Doutor Augusto Joaquim Guambe, por todo apoio, paciência e orientação ao longo do processo de pesquisa e escrita. Seu conhecimento e experiência foram fundamentais para o sucesso deste trabalho. Também gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares, que me apoiaram incondicionalmente durante toda minha jornada. Vocês foram uma fonte constante de motivação e encorajamento, e sou imensamente grato por todo apoio emocional que recebi de vocês. Minha gratidão também se estende aos participantes da minha pesquisa, que generosamente dedicaram seu tempo e compartilharam suas experiências.

Á todos vai o meu sincero agradecimento!

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

CRM	Constituição da República de Moçambique
LDH	Liga Moçambicana dos Direitos Humanos
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
WLSA	Women and Law in Southern Africa
ONU	Organização das nações unidas

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1	pp 18	Níveis de influência sobre o comportamento
Figura 2	pp 22	Ciclo da violência doméstica
Tabela 1	pp29,30	Características dos participantes da pesquisa

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I pp50	Estrutura Funcional da organização
ANEXO II pp52	Guião de Entrevista
ANEXO III pp54	Termo de compromisso livre e esclarecido
ANEXO IV	Credencial do Comando-Geral da PRM

Resumo

A violência doméstica é uma mazela social sem exclusão de raça, classe social, idade ou religião. Ela se manifesta de variadas formas: psicológica, física, sexual, e outras. Em Moçambique, a violência doméstica tomou proporções alarmantes, facto que levou muitas organizações públicas e privadas a empreenderem esforços com vista a prevenir e combater este fenómeno.

O presente trabalho com o tema “Análise das Experiências e Percepções dos homens sobre a violência no sistema familiar” visa compreender as percepções que os homens têm quando são agredidos pelas suas parceiras, que emoções eles provam face à violência sofrida que efeitos ela causa sobre si mesmos e sobre a dinâmica relacional dentro dos seus sistemas familiares.

A pesquisa foi realizada no gabinete de atendimento a famílias e menores vítimas de violência abreviadamente designada (GAFMVV), com quinze homens vítimas de violência perpetradas pelas suas parceiras com uma amostra de nove para a pesquisa. Dado o carácter do estudo, o pesquisador optou por uma abordagem qualitativa.

Os instrumentos de recolha de dados empregues foram a revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada por permitir, e às vezes, incentivar que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Os resultados da pesquisa mostraram que as percepções e emoções que os homens têm em relação a violência perpetrada pelas parceiras é que esta cria dentro da família em particular no sistema conjugal um clima de dor, sofrimento e mal-estar, deixa marcas psicológicas que afectam a sua auto estima e a sua dignidade tais como trauma, frustração, abandono e impotência. Os resultados indicaram também o nível de consciência que os homens têm da violência doméstica a que são expostos.

Palavras chaves: Violência doméstica, Família, Sistema Familiar, Violência contra homem.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Contextualização	1
Descrição do problema.....	3
Justificativa	Error! Bookmark not defined.
OBJETIVOS E PERGUNTAS DA PESQUISA	5
Objetivo geral	5
Objetivos específicos	5
Perguntas da pesquisa.....	5
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
Conceptualização.....	6
Violência.....	6
Violência Doméstica	7
Família.....	Error! Bookmark not defined.
Sistema familiar	8
A cultura e os casos na violência baseada no gênero	10
Estudos sobre a violência contra o homem	13
Tipos de violência contra o homem em Moçambique	14
Quadro Legal sobre a Violência em Moçambique	15
Plano Nacional de Ação para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher	16
Política de Género e Estratégia da sua Implementação.....	16
Modelos explicativos da violência doméstica	18
Modelo ecológico	18
Modelo de Walker (Ciclo de violência doméstica)	21

Consequência da violência doméstica.....	24
METODOLOGIA	25
Descrição do local de estudo.....	25
Abordagem metodológica	25
População.....	26
Amostra e técnica de amostragem	27
Técnicas de recolha de dados	27
Técnica de análise de dados.....	28
Procedimentos.....	29
Limitações do estudo.....	29
ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS.....	30
Causas das ações de violência perpetradas contra os homens dentro do seu sistema familiar	30
Histórico familiar da violência domestica.....	31
Violência materna em relações conjugais (causas e motivações).....	33
Percepções e experiências emotivas vividas por homens vítimas de violência doméstica	34
Motivos que levam os homens a procurar os serviços de assistência dos técnicos do GAFMVV	35
Tempo de experiência de vítimas de violência domestica.....	36
Causas e tipos de violência em relações conjugais	37
O impacto da violência conjugal na presença das crianças.....	38
O momento de conscientização: Quando as vítimas reconhecem a necessidade de procurar ajuda nas relações abusivas	40
Síntese conclusiva percepções e experiências emotivas vividas por homens vítimas de violência doméstica.....	41

Estratégias de intervenção adequadas para desencorajar ações de violência contra os homens e promover o bem-estar dentro do seu sistema familiar	42
Ações específicas que podem ser desenvolvidas para reduzir a incidência da violência contra o homem	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	45
RECOMENDAÇÕES	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

I. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

A violência doméstica é uma temática que tem sido amplamente explorada do ponto de vista científico, onde profissionais e investigadores das mais diversas áreas se dedicam a conhecer e compreender os vários aspetos das suas dinâmicas, suas manifestações e seus intervenientes. Sendo assim, torna-se lógico considerar que todo cidadão é, de certa forma, interveniente de tal dinâmica. Intervindo por meio dos comportamentos que são manifestados em relação à violência doméstica, comportamentos estes que são resultado de crenças existentes face a esta forma de agressão (Faria, 2019).

Ao longo da história da humanidade, a violência foi sendo típica de sociedades onde as mulheres eram subordinadas aos homens. A diferença social foi associada à desigualdade de género, estruturas de domínio masculino foram legitimadas mediante ideologias que opunham o homem como forte, valente e justo, às mulheres que por natureza eram consideradas débeis e pouca confiança. Portanto, as mulheres dependem da 'proteção', dos seus homens que as tratam como se fossem sua propriedade pessoal. Se elas se atrevem a contrariar o domínio dos seus homens, era justo que fossem castigadas, inclusive assassinadas (Stolcke, 2003)

Neste contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no seu relatório mundial sobre violência e saúde (2002), definiu esta como sendo:

O uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al, 2002, p.113).

De acordo com as autoras, há diversas teorias para compreender o fenómeno da violência. Algumas a entendem como um fenómeno extra classista e a-histórico, de carácter universal, constituindo mero instrumento técnico para a reflexão sobre as realidades sociais. Outras, compostas por um conjunto não homogêneo de teorias, referem-se às raízes sociais da

violência, explicando o fenômeno como resultante dos efeitos destrutivos dos acelerados processos de mudança social, provocados, sobretudo, pela industrialização e urbanização (Krug et al, 2002)

Moçambique assinou a Declaração sobre Género e Desenvolvimento dos chefes de Estado da Comunidade Para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), em 1997, que reconhece a equidade de género como um direito humano e exige o fortalecimento das medidas para a sua implementação e monitoria. Subscreeveu também a Carta Africana dos Direitos dos Povos e da Mulher (Mejiaet al. 2004). A sociedade civil Moçambicana, representada por várias associações e organizações não-governamentais como, a Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH), o Fórum Mulher, Mulher Lei e Desenvolvimento, a WomenandLaw in Southern África (WLSA), a Associação das Mulheres de Carreira Jurídica, conscientes da realidade trazida pela violência, conjuntamente envidaram esforços para que oficialmente a violência fosse combatida (Arthur e Meija, 2006).

As discussões sobre violência por parte de algumas organizações moçambicanas culminaram com a elaboração da proposta de Lei contra a violência doméstica, baseada nos princípios defendidos na Constituição da República de Moçambique e na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tanto as Constituições da República, assim como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, defendem o princípio de igualdade de direitos entre os homens e as mulheres. A Lei 29/2009 de 29 de setembro – sobre a violência doméstica praticada contra a mulher, foi aprovada pela Assembleia da República aos, 21 de julho de 2009 e promulgada no dia 1 de setembro de 2009 e, entrou em vigor 180 dias após a sua publicação (idem).

A aprovação da Lei nº29/2009, sobre a violência doméstica praticada contra a Mulher suscitou um grande debate ao nível nacional, com alegações de que a forma como se apresentava indicava o favorecimento da mulher, deixando à margem do campo de sua jurisdição a violência doméstica contra o homem como um fenómeno cuja visibilidade crescia dia após dia. A resposta dada era de que esta lei abrangia também os homens e nada foi modificado na sua redação. É dentro deste contexto que de forma breve acabamos de descrever que estão inseridas todas as práticas de violência doméstica de uma forma geral e a violência doméstica contra o homem especificamente. Embora a lei tenha entrado em vigor

há já algum tempo assinalável, assiste-se até então homens com dificuldades de remeter casos de violência da qual vêm sendo vítimas nas instâncias competentes.

1.2 Descrição do problema

O medo, a vergonha e muitos dos sentimentos do homem vítima de violência doméstica face à sua condição, a par da resistência ao pedido de ajuda a terceiros, vêm descritos na literatura como o monte do desconhecimento desta face do fenómeno. É entendido que deve haver especial atenção no papel da cultura em que um indivíduo se encontra inserido e no significado que os diferentes tipos de agressão despertam nesta cultura em particular (Ostrov & Perry, 2018).

A literatura mostra-nos que apesar das mulheres apresentarem as maiores taxas de agressão, os homens também são agredidos. Porém, enquanto que a violência masculina contra a mulher é maioritariamente vista como injustificável, a violência contra o homem apresenta quase sempre justificação (quer por ser alegadamente em autodefesa quer seja por ser considerada inconsequente). O contexto Moçambicano, mostra-nos que o homem vítima de violência doméstica se encontra preso às prescrições de uma cultura patriarcal, isso, é evidente no sul do país onde predominam sistemas de descendência patrilinear, e como tal, receia ser desacreditado e humilhado, silenciando, assim, a sua vitimação. (Ostrov & Perry, 2018).

As razões pelas quais se justificam a concretização da presente investigação podem ser facilmente entendidas pelo facto da escassa literatura científica em contexto nacional sobre o tema, apresentando-se como um assunto com mínimos de exploração, análise e debate. O problema existe, está presente, ocorre diariamente, mas encontra-se silenciado.

Apresentamos como razões práticas para o estudo, ampliar a discussão da problemática na cidade de Maputo, capital de Moçambique, identificando possíveis fragilidades e/ou métodos que possam ser melhorados e, a partir desse ponto, poder apresentar conteúdos e factos que possibilitem mais e melhores ferramentas para trabalhar possíveis soluções. Desta forma, entendeu-se como pertinente procurar responder à seguinte pergunta de pesquisa: ***quais são as Experiências e Percepções dos homens sobre a violência doméstica no seu sistema familiar?***

1.3. Justificativa

O presente estudo surge motivado pelo aumento crescente de casos de violência no seio familiar, violência essa que sempre foi vista como perpetrada pelo homem contra a mulher. Contudo, os homens também são violentados, razão do interesse do presente estudo que terá como alcance mostrar a outra face da da violência, isto é, aquela experienciada pelos homens, com vista a perceber o seu funcionamento e a forma como estes a descrevem.

A pertinência deste estudo, no âmbito social, traduz-se pelo fato da violência ser um fenômeno que tende a crescer, mas ainda com pouca literatura principalmente no nosso país. Contudo, este estudo poderá servir de incentivo numa perspectiva de aprofundar outras dimensões desta mesma realidade da violência doméstica, sobretudo no que diz respeito às experiências e percepções que os homens tem deste ato e como gerir a situação. Ademais, o estudo pode ajudar a sociedade a ter um olhar mais cuidadoso e para que as autoridades governamentais criem e melhorem as políticas públicas, visando combater este fenómeno de modo a reduzir o seu impacto e proporcionar uma assistência mais adequada às vítimas.

No âmbito científico, espera-se que as abordagens feitas nesse estudo sirvam para complementar e que constituam um alicerce no desenvolvimento de mais artigos do gênero, não de forma unilateral como tem sido tratado em Moçambique. Para a psicologia o estudo poderá ser uma fonte de consulta para os estudantes e para os demais membros da comunidade académica que tenham interesse neste fenómeno .

II. OBJETIVOS E PERGUNTAS DA PESQUISA

2.1 Objetivo geral

Constitui objetivo geral do presente estudo:

- ✓ Analisar as Experiências e Percepções dos homens sobre a violência no sistema familiar, em Maputo

2.2 Objetivos específicos

- ✓ Identificar as causas da violência perpetradas contra os homens dentro do seu sistema familiar;
- ✓ Descrever as percepções e experiências emotivas vividas por homens vítimas de violência doméstica;
- ✓ Caracterizar os efeitos da violência nos homens, na família e na sociedade em geral;
- ✓ Propor estratégias de intervenção mais adequadas para desencorajar as ações de violência contra os homens e promover o bem-estar dentro do seu sistema familiar.

2.3 Perguntas da pesquisa

Constituem perguntas de estudo:

- ✓ Quais são as causas das ações de violência perpetradas contra os homens dentro do seu sistema familiar?
- ✓ Que percepções e experiências emotivas foram vividas pelos homens Vítimas de violência no sistema familiar?
- ✓ Como são caracterizados os efeitos da violência nos homens, na família e na sociedade?
- ✓ Que estratégias de intervenção podem ser adequadas para desencorajar ações de violência contra os homens e promover o bem-estar dentro do seu sistema familiar?

III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Vários são os autores que debruçam em torno do tema da violência doméstica, desta feita, neste capítulo, destacam-se alguns que tornaram a investigação exequível com as suas abordagens, como é o caso do Arthur e Mejia (2005), e de Kageyama (2011) e Dinis (2009). Ainda neste capítulo, torna-se pertinente clarificar, em primeiro lugar alguns conceitos associados ao tema em estudo, tais como: sistema, família, sistema familiar, violência, violência doméstica, para uma percepção maior do problema, assim como a identificação de um quadro referencial teórico.

3.1 Conceptualização

3.1.1 Violência

Para Minamiyo e Sousa (1998), definem a violência como sendo qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigidas a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e/ou espirituais.

Segundo a OMS (2002), a violência é tida no geral como o uso intencional da força física ou do poder real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte numa lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou então que dê a possibilidade para que isso aconteça. Tal ação constitui um problema individual, mas social e tem implicações diretas na saúde, tais como traumas físicos, distúrbios mentais, emocionais, espirituais e redução da qualidade de vida das pessoas.

Partindo destas duas definições o investigador identifica-se com essas visões conceptuais podendo dizer que a violência pode ser entendida como o uso propositado da força física ou do poder real ou em forma de ameaça, que pode variar de uma escala individual a coletiva. A violência pode ser contra si mesmo, contra o outro, um grupo ou uma comunidade, da qual decorra ou haja o risco de desencadear lesão, morte, dano psicológico, desenvolvimento comprometido ou a privação.

3.1.2 Violência Doméstica

Segundo a Organização das Nações Unidas [ONU] (2004), a violência doméstica consiste na “violência que ocorre na esfera da vida privada, geralmente entre indivíduos que estão relacionados por consanguinidade ou por intimidade. A violência doméstica pode assumir diferentes tipos de violência, incluindo a física, a psicológica e a sexual

Na perspectiva de Machado e Gonçalves (2003) considera-se violência doméstica a qualquer ato, conduta ou omissão que sirva para infligir, reiteradamente e com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou econômicos, de modo direto ou indireto (ameaças, enganos, coação ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado (crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos ou idosos) ou que, não habitando no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência, seja cônjuge ou companheiro marital ou ex-cônjuge ou ex-companheiro marital.

Para Cantera (2007), violência doméstica é um comportamento conscientemente hostil e intencional, que causa dano físico, psíquico, jurídico, econômico, social, moral ou sexual. É um tipo de violência complexa, amplo e com diversas facetas, envolvendo relações de poder, força física, controle e desigualdade, ideologias, entre outros.

Para o investigador a violência doméstica um comportamento intencional do poder ou força física com o intuito de causar algum dano físico, moral, sexual, econômico e/ou psíquico a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado.

3.1.3 Família

Segundo Minuchin (1985), a família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente às transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo.

Para Relvas (1996), a família é uma rede complexa de relações e emoções expressas através da comunicação e interação, de sentimentos e comportamentos, que provocam alterações no seio familiar em função do tempo e do espaço.

Assim sendo, podemos afirmar que a família é um dos principais contextos de socialização dos indivíduos e, portanto, possui um papel fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, que por sua vez é um processo em constante transformação, sendo multideterminado por fatores do próprio indivíduo e por aspectos mais amplos do contexto social no qual estão inseridos.

3.1.4 Sistema familiar

Segundo Minuchin (1974), o sistema familiar é um conjunto de elementos que formam uma unidade social natural, chamada a interagir e a enfrentar uma série de tarefas evolutivas tais como: estruturação, proximidade, crescimento, educação, regulamento das relações provenientes dos estímulos ambientais interno e externo. (Minuchin, 1990 & Alarcão, 2006).

O sistema familiar muda à medida que a sociedade muda, e todos os seus membros podem ser afetados por pressões interna e externa, fazendo que ela se modifique com a finalidade de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros.

3.1.5 Fatores explicativas da violência baseada no Género

Quando se trata da violência baseada no género existem muitos estudos acerca deste fenómeno, portanto, propomo-nos a trabalhar com os estudos das autoras Arthur e Meija (2005), realizado dentro do contexto moçambicano com o título “Da agressão à denúncia: análise de percursos de mulheres”, que tendo olhado só para a violência doméstica sofrida pela mulher, defendem que não há necessidade de se estudar a violência doméstica contra o homem porque a mulher é que é a vítima, mesmo quando comete a violência, pois responde a violência sofrida dentro do sistema patriarcal.

As autoras defenderam que a violência contra as mulheres assentava sobre questões da própria estrutura social e cultural. Neste estudo, tinham como objetivo colher a percepção das mulheres vítimas de violência sobre o limite da autoridade dos seus maridos e sobre a violência doméstica de que são alvo. Defendem ser importante a perspectiva que realça as vozes das mulheres, sobretudo hoje em dia em que o discurso patriarcal hegemónico necessita, de forma premente, de se legitimar, pela discrepância entre as promessas

democráticas de igualdade e de justiça e a subordinação daquelas em todas as áreas da vida social.

De acordo com Arthur e Mejia (2005), as mulheres vêem a violência doméstica dos seus maridos como legítima quando se encontra motivo para o efeito, ou seja, reconhecem o direito de seus parceiros recorrerem ao uso da violência quando elas não cumprem com o seu dever, não sendo necessário prestar queixa da agressão em situações em que a violência tenha ocorrido pelo facto dela ter faltado com o cumprimento dos seus deveres.

Para os autores a luta contra a violência doméstica tem de passar pela divulgação dos direitos humanos, no geral, e dos direitos das mulheres, em particular. Numa sociedade patriarcal, construída com base na dominação masculina, o trabalho ideológico de legitimação converte as vítimas em culpadas da violência a que são sujeitas e constrói nelas um sentimento de culpabilidade, o que impede a sua reação.

” (Arthur e Mejia, 2005, p. 3)

A resistência das mulheres contra atos de violência, sobretudo os perpetrados pelos maridos ou parceiros, vai depender da percepção que elas têm desses atos como violentos e do reconhecimento do seu direito a uma vida sem violência, ou seja, ao reconhecimento das mulheres como sujeitos de direitos (Lourenço et al., 1997).

Arthur e Mejia,(2005, p.3), Defendem que das diferentes formas de violência inventariadas e que não são exclusivas umas das outras, a mais comum é a agressão física. Todavia, esta designação cobre uma vasta gama de atos violentos, dos mais simples aos mais graves, chegando a ameaçar a integridade física das vítimas. Em nenhum dos casos observados, as agressões simples constituíram motivo da denúncia, embora depois fossem incluídas na descrição que a vítima fez sobre as relações violentas entre o casal. A agressão mais grave, que obriga a vítima a socorrer-se dos serviços de saúde, tem sido apresentada como queixa, talvez por decisão destes.

Na mesma abordagem as autoras salientam que, este fator deve-se primeiro ao facto da violência sexual não ser tipificada como crime quando ocorre dentro das relações conjugais e, segundo, pelo facto da violência psicológica, que geralmente ocorre antes da física, não ser

normalmente apresentada. Não obstante, é relevante perceber que não se pode estabelecer barreiras rígidas entre as formas de violências, pois a sua maioria se mostra transversal a maioria dos casos.

Na perspectiva de Arthur e Meija (2005), assiste-se ainda à relutância em denunciar atos de violência por parte das mulheres vítimas. Este fator está geralmente associado a forma como são encaminhados os processos nos Gabinete de Atendimento, que acabam por levar algumas das mulheres a desistirem de darem continuidade ao processo.

Para Arthur (2004), neste âmbito da violência contra a mulher, incorporam nas suas identidades, na maneira como se vêem a si, nas suas expectativas e modelos de conduta, de que a violência é legítima. Assumindo este posicionamento está claro que o combate contra a violência doméstica implica essencialmente a desconstrução das instituições sociais que legitimam a masculinidade hegemónica.

De acordo com Arthur (2004), um primeiro passo seria desconstruir os mitos construídos em torno da violência contra a mulher, com maior enfoque para a doméstica. Um dos mitos que se pode identificar é o de considerar que a mulher gosta de ser violentada porque isso constitui sinónimo de amor, assim, existe um consentimento por parte da mulher. Este argumento é também denunciado por Arthur e Meija (2005) quando afirmam que as mulheres só denunciam quando acham que o marido não teve nenhum motivo para cometer o ato violento.

Assim, podemos entender mais uma vez que os mitos são incorporados pelas mulheres ao ponto de justificarem existirem situações em que a violência não só é legítima como também é necessária.

Arthur (2005) já defendeu, mesmo antes da criação da Lei contra a violência Doméstica, a necessidade de este instrumento legal. Como argumento a autora aponta que durante muito tempo fora ignorada a amplitude do fenómeno, atingindo um nível em que se colocava em risco a vida das mulheres vítimas.

3.2.1 A cultura e os casos na violência baseada no gênero

Embora os casos expressem a situação que experimenta cada sujeito na sociedade e permitam uma aproximação das manifestações singulares, no interior da pluralidade da vida social,

cada caso exterioriza o produto de uma síntese: o mundo exterior que é internalizado pelo sujeito, lido e representado (ou rerepresentado) em sua própria interioridade, exteriorizando-se nos comportamentos individuais (Sartre, 1987).

Há, assim, uma substância comum aos diferentes sujeitos, que nos fala do cultural, revela-nos as normas da vida em sociedade. Mas, igualmente, revela-nos a apropriação individual, com valorizações diferenciadas da materialidade da vida social, das desigualdades das situações vividas e das diferentes oportunidades de mudança. Essa dupla revelação permite-nos, de um lado, alcançar os significados quanto à aceitação, ou não, da violência enquanto norma de lidar com os conflitos em família ou em sociedade, e de outro, também alcançar as vulnerabilidades quanto aos apoios sociais e às possibilidades materiais de enfrentamento das situações de violência. Podemos dizer, então, que a cultura opera em dois sentidos na relação com o individual: internalizada, de certo modo, a cada indivíduo, compondo com sua interioridade diante do mundo que está já aí para cada sujeito; e exteriorizada em discursos e atos.

Pode, pois, ser resgatada, em estudos e pesquisas, como elemento de ligação sócio histórica de indivíduos territorialidades em certos espaços (sociais) e tempos (históricos), e no modo como cada qual a introjeta e a exterioriza, dando ao mesmo tempo conta do sócio histórico comum – o que se compartilha na vida social – e da pluralidade, o que nos diferencia na vida social. Em ambas as dimensões, nas quais as normas culturais se situam, com e por elas, inscrevem-se valores e possibilidades objetivas para as relações do indivíduo com a sociedade. Tais valores e seus exercícios concretos nas relações intersubjetivas são afirmados ou rejeitados. As normas culturais, então, facultam ou obstaculizam realizações de sujeitos.

Segundo Scott (1986), quando considera a construção histórica do masculino e do feminino enquanto norma sociocultural na conceituação de gênero, diremos que essa construção opera socialmente como referencial para a configuração tanto simbólica como material da vida social e por isso contribui para definir a percepção e os comportamentos dos indivíduos. Homens e mulheres, assim, se diferenciarão como sujeitos sociais, em termos do que deles se espera e do que eles próprios irão considerar como suas ações e responsabilidades na vida social, para serem reconhecidos como homens e mulheres.

Coube historicamente aos homens maior presença e desempenho na vida pública, sendo estatuído como o sujeito (único) da política. Tal competência traduziu-se em igual importância como trabalhador social e como agente desse mesmo social na vida privada.

Estabelece-se, nisso, uma identidade masculina de provedor da família, construindo-se socialmente a imagem desta, e a cada um de seus membros, como “propriedade” do ser masculino, o homem, tanto pelo suporte material que esse homem trará, como por socialmente se construir, fazendo-o se crer, o guardião ético e moral dessa mesma família, educando, vigiando e controlando seus membros para a vida pública. Aos olhos da sociedade e de todos em sua família – especialmente em estruturas familiares patriarcais como as que ainda hoje definem modos de relação e configuram uma certa normatividade em nosso país –, é o homem quem define e monitora os comportamentos de seus membros, ao mesmo tempo que é o representante da família na sociedade.

Assim, com as mudanças econômicas e culturais que atualmente atravessam as famílias e nas quais as atribuições contemporâneas de homens e mulheres já não mais aderem plenamente às identidades historicamente construídas, as relações tradicionais de gênero são palco de progressivos conflitos, decorrentes dos novos desempenhos dos sujeitos na vida pública e privada. Quando esses conflitos são “resolvidos” na forma de violências, definimos essa violência das relações da vida íntima e familiar como “violência de gênero” (Schraiber et al., 2005).

Por isso podemos afirmar que é em torno dessa normatividade de gênero, comum aos distintos casos, que encontraremos as bases de reflexão para o entendimento das diferenças entre homens e mulheres, que, originários, ambos, de famílias que experimentam situações de violência ou de vivências pessoais anteriores de violência, deslocam-se, na vida adulta, para posições opostas nas relações violentas: um tornando-se agressor, e o outro, vítima. Também será nesse referencial de gênero que encontraremos a compreensão relativa às frequências sempre muito altas de violência contra mulheres, assim como a distinção na violência sexual que as marca, mesmo em diferentes contextos culturais e de vida social.

Como aponta Heise (1998), há quatro tópicos consistentemente encontrados em sociedades com altas magnitudes de violência contra a mulher, indicando a subordinação de gênero nessas situações. São eles: normas culturais ou legais dando direito de propriedade masculina sobre as mulheres; controle masculino sobre a riqueza da família; controle masculino das decisões, em geral; e noções de masculinidade associadas à dominação e soberania, cabendo aos homens maior liberdade e poder de delimitar comportamentos femininos em nome da honra masculina.

Por fim, lembrar que se a normatividade cultural e social está nos casos, são estes, a cada vez, em suas singularidades, que se apresentam nos serviços e se colocam aos profissionais, seja no campo da saúde, seja no da assistência psicológica, seja na atenção às pessoas em situações de violência. É nesse plano dos cuidados aos casos que essa dupla leitura de suas constituições será vital para o desenvolvimento de uma atenção mais integral e mais potente como enfrentamento da violência, tanto quanto, porém, a mais difícil de empreender

3.3.1 Estudos sobre a violência contra o homem

Para o desenvolvimento deste tópico propomo-nos a explorar os estudos de Kageyama (2011) e Dinis (2009), que defendem a necessidade de alargar a compreensão da violência incluindo o homem como vítima, pois as mulheres também podem cometer violência sem que tenham sido vítimas alguma vez, o que faz com que seja relevante considerar a possibilidade de elas agirem de forma racional e deliberadamente.

No seu trabalho “violência doméstica contra o homem” realizado no contexto brasileiro, Kageyama (2011) defende que a ignorância que se manifesta diante da violência contra os homens está associada as ideologias da cultura geral que pregam que um homem que apanha da mulher é “fraco” ou “maricas”. Na mesma linhagem o autor afirma ainda que, está associado a estes adjetivos atribuídos aos homens vítimas um conjunto de programas televisivos, anedotas, entre outras encenações que tratam a violência doméstica contra os homens como um problema do homem violentado.

De acordo com Kageyama (2011), na maioria das sociedades, as únicas fontes de informação em torno da violência doméstica contra o homem são os documentos oficiais publicados por Departamentos de Justiça, Gabinetes de Atendimento a casos de violência contra homens, assim como mulheres e crianças. Entretanto, importa sublinhar que, de acordo com o autor, os homens vítimas reclamam dos abusos perpetrados pelo sistema legal relativamente a tratamento dado aos seus casos, notando-se a existência de um tratamento desigual e discriminatório.

Nos escassos estudos sobre a violência doméstica contra o homem podemos identificar duas posições defendidas: de um lado, por autores que procuram chamar atenção para crescente tendência da incidência de casos de violência doméstica contra os homens; e de outro lado,

por aqueles que se mostram interessados em tratar sobre os casos de violência contra as mulheres, desenvolvendo assim uma perspectiva de culpabilização do homem.

Na primeira perspectiva, dos que se interessam pela generalização dos estudos sobre a violência doméstica, onde destacamos entre outros autores como Kageyama (2011) e Dinis (2009). Na segunda perspectiva encontram-se os que se interessam em tratar sobre os casos de violência contra as mulheres, onde também destacamos alguns autores como Arthur e Meija (2005).

Dinis (2009) defende que as mulheres procuram na maior parte dos casos de violência contra o homem chamar atenção dos familiares colocando-se numa situação de vítima e provocando um sentimento de culpa por parte do seu parceiro. Nestas situações estamos diante de uma violência psicológica, que constitui, perspectiva do autor, ao lado da violência verbal, uma das especializações das mulheres no que concerne à violência doméstica contra o homem.

De acordo com Kageyama (2011) afirma que a ideia da fragilidade do homem vítima e a ideia generalizada da violência da mulher contra o homem decorre da necessidade da defesa desta contra a violência daquele que leva ao não ou ao deficiente tratamento jurídico da violência contra o homem, omitindo-se a culpabilização da mulher violenta.

3.4.1 Tipos de violência contra o homem em Moçambique

Em termos conceptuais existe uma diversidade de percepções sobre a violência, contudo há pontos comuns no que se refere ao essencial, que é o reconhecimento de que toda e qualquer violência é um mal social que deve ser eliminado. De acordo com os estudos das autoras Arthur e Meija (2005), realizado dentro do contexto moçambicano com o título “Da agressão à denúncia os principais tipos mais frequentes de violência em Moçambique são: a física, a sexual e a psicológica.

A **Violência Física** é toda a ação ou omissão que produza um dano a integridade corporal das mulheres que esteja ou não tipificado como delito no código penal (Moré & Krenkel, 2014).

A **violência Sexual** é definida como qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou investidas sexuais indesejadas, atos direcionados ao tráfico sexual, ou de alguma forma, voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coação, praticados por qualquer pessoa independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer cenário, inclusive em casa, no trabalho, mas não limitado aos atos acima descritos (OMS, 2002).

A **violência psicológica** é toda a ação ou omissão cujo propósito seja degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças, decisões e direitos das mulheres, através de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento, encerramento ou qualquer outra conduta que implique um dano à saúde psicológica, ao desenvolvimento integral ou a sua autodeterminação (Minayo, 2008).

De acordo com Garbanino (1986) citado por Avanci, et al. (2005) ao abordar a questão da violência psicológica, afirma que esta consiste na recusa de reconhecer a importância de uma pessoa, assim como a legitimidade das suas necessidades, separando-a das experiências consideradas socialmente normais, impedindo-a de fazer amizades, fazendo-a acreditar que ela está sozinha no mundo. Esta pessoa pode ser, ainda, atacada verbalmente, criando um clima de medo, ameaça, privação, reprimindo assim o desenvolvimento emocional e estimulando-a para um comportamento antissocial.

3.5.1 Quadro Legal sobre a Violência em Moçambique

No concernente às políticas sobre a violência doméstica em Moçambique, destaca-se a Lei nº 29/2009, sobre a Violência Doméstica Praticada contra a Mulher. Esta lei tem o mérito por se focalizar na prevenção, sanção dos infratores e presta às mulheres/homes vítimas de violência doméstica a necessária proteção, garante e introduz medidas que forneçam aos órgãos de Estado os instrumentos necessários para a eliminação da violência doméstica. A referida lei, visa ainda proteger a integridade física, moral, psicológica, patrimonial e sexual da mulher/homem, contra qualquer forma de violência exercida pelo seu cônjuge, ex-cônjuge, parceiro, ex-parceiro, namorado, ex-namorado e familiares. Paralelamente a esta lei, existem outros instrumentos sobre a violência contra a mulher que são: Plano Nacional de Acção para

Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher; Política de género e estratégia de sua implementação.

3.6.1 Plano Nacional de Ação para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher

O presente instrumento é da autoria do Governo e enquadra-se no seu Programa Quinquenal (PQG) 2015-2019. Alguns dos objetivos deste Programa, referem-se à cultura de não - violência: combater todas as manifestações de discriminação e exclusão com base nas diferenças de cultura, origem étnica, género, raça, religião, região de origem e filiação político-partidária. Este Plano tem como objetivos:

- Contribuir para a redução da Violência contra a mulher em Moçambique;
- Expandir e melhorar os serviços prestados às vítimas de violência, incluindo os serviços de assistência médica, jurídica e psicológica;
- Reforçar as capacidades institucionais e a educação e formação do público em geral em assuntos de violência contra a mulher;
- Realizar ações estratégicas de advocacia, informação e sensibilização para assuntos de prevenção e combate a violência contra a mulher;
- Estabelecer mecanismos de intervenção multisectorial coordenada contra a violência sobre a mulher.

3.7.1 Política de Género e Estratégia da sua Implementação

À semelhança do anterior, este instrumento foi aprovado pelo Governo através da Resolução nº 19/2007, de 15 de Maio, do Conselho de Ministros, a qual estabelece uma linha de orientação com vista a permitir a tomada de decisões e identificação de ações para a elevação do estatuto da mulher e da igualdade de género. Esta política e o seu plano de desenvolvimento visa:

- Promover atitudes e práticas favoráveis à igualdade e equidade de género e o respeito pelos direitos humanos;
- Contribuir para a eliminação das práticas nocivas que violam os direitos das mulheres, homens, raparigas e rapazes;
- Promover e desenvolver acções que garantam igual representação e participação de mulheres e homens em órgãos de tomada de decisão, a todos os níveis;
- Promover a igualdade de direitos e oportunidades para raparigas e rapazes, bem como para mulheres e homens, no acesso à educação, formação de qualidade e outros benefícios;
- Promover a igualdade de direitos e oportunidades para mulheres e homens em relação à posse e controle de recursos produtivos e seus rendimentos, assim como em relação ao emprego formal, informal e trabalho doméstico não remunerado;
- Promover e realizar ações que concorram para a eliminação de todas as formas de violência baseada no género, em particular contra as mulheres e raparigas, nas esferas públicas e privadas, numa parceria entre o governo, parceiros de cooperação, sector privado e a sociedade civil.

Em Moçambique a aplicação da legislação contra a violência doméstica é assegurada por várias instituições públicas e privadas através de diversas ações por elas desenvolvidas, tais como advocacia, sensibilização, aconselhamento, dentre outras iniciativas. A informação trazida por estes dois dispositivos, evidencia um nível de consciência do Estado a respeito do problema, a necessidade de mobilizar recursos para o combate deste fenómeno que assola vidas, desfigura a dignidade e o status social da vítima. Contudo, afigura-se como o grande desafio a estratégia de divulgação destes instrumentos legais junto às comunidades, sobretudo as que vivem em áreas periféricas.

3.8.1 Modelos explicativos da violência doméstica

Olhando para o problema, os objetivos a alcançar e as perguntas de pesquisa a responder, achou-se oportuno um quadro teórico integrado com duas perspectivas teóricas: Modelo ecológico e o modelo de Walker.

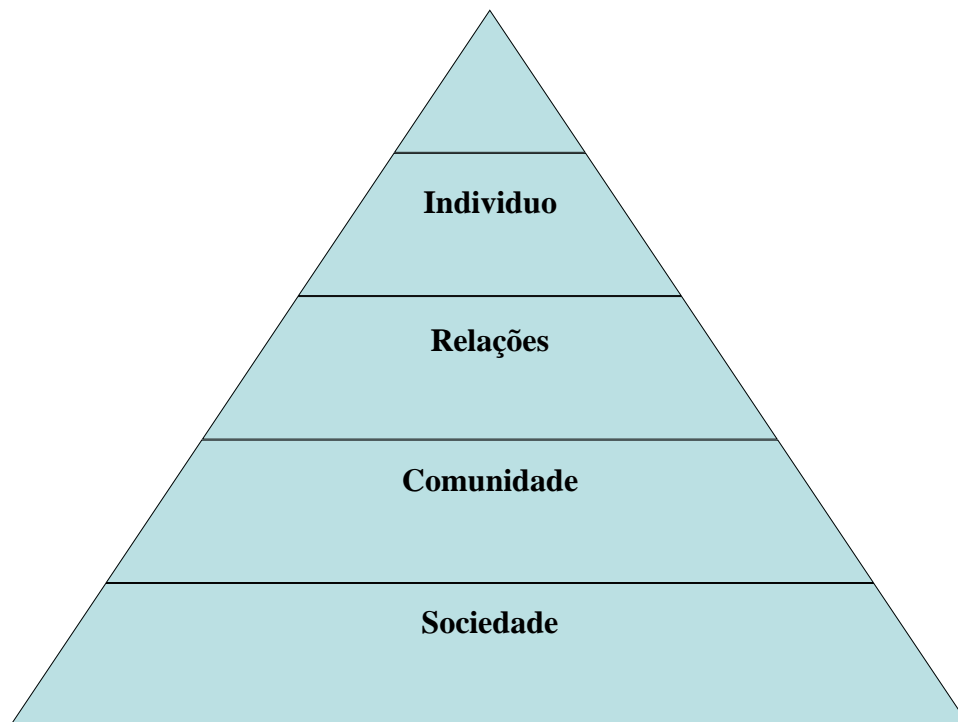
3.9.1 Modelo ecológico

Não há um fator único que explique por que alguns indivíduos se comportam violentamente com outros ou por que a violência é mais comum em algumas comunidades do que em outras. A violência é o resultado da complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais (Bronfenbrenner, 1999).

Este modelo ecológico ajuda a compreender a natureza multifacetada da violência, explora a relação entre os fatores individuais e contextuais e considera a violência como produto dos múltiplos níveis de influência sobre o comportamento, e esse modelo obedece a seguinte ordem:

Figura 1

Pirâmide dos fatores que influenciam o comportamento sobre a temática da violência.



O primeiro nível do modelo ecológico procura identificar tanto os fatores biológicos como os da história pessoal que um indivíduo traz para o seu comportamento. Além dos fatores biológicos e demográficos, são levados em consideração fatores como a impulsividade, o baixo nível educacional, abuso de substância química e história passada de agressão e abuso. Em resumo, este nível do modelo ecológico focaliza as características do indivíduo que aumentam a probabilidade de ele ser vítima ou agressor.

O segundo nível do modelo ecológico explora como as relações sociais próximas – por exemplo, relações com companheiros, parceiros íntimos e membros da família – aumentam o risco de vitimização ou agressão violenta. Em casos de agressão de parceiros e de maus tratos a crianças, por exemplo, a interação quase cotidiana em domicílio comum com um agressor pode aumentar a oportunidade de ataques violentos. Como os indivíduos estão ligados numa

relação contínua, é provável, nestes casos, que a vítima seja atacada repetidamente pelo agressor. No caso dos companheiros, os parceiros íntimos e os membros da família têm o potencial de moldar o comportamento do indivíduo e o âmbito de sua experiência.

O terceiro nível do modelo ecológico examina os contextos comunitários nos quais estão inseridas as relações sociais, tais como escolas, locais de trabalho e bairros, e procura identificar as características dos cenários associados ao fato de serem vítimas ou agressores.

Um alto nível de mobilidade residencial (em que as pessoas não permanecem por muito tempo numa mesma residência, mas se mudam com frequência), heterogeneidade (população altamente diversificada, com pouco do adesivo social que mantém as comunidades unidas) e alta densidade populacional são exemplos daquelas características, e cada uma delas tem sido associada à violência. Do mesmo modo, comunidades envolvidas com tráfico de drogas, alto nível de desemprego ou isolamento social generalizado (locais onde as pessoas não conhecem seus vizinhos ou não se envolvem com a comunidade) têm mais probabilidade de viver experiências violentas. A pesquisa da violência demonstra que as oportunidades para que ela ocorra são maiores em alguns contextos do que em outros – por exemplo, em áreas de pobreza ou deterioração física, ou onde há escasso apoio institucional.

O quarto e último nível do modelo ecológico examina os fatores mais significativos da sociedade que influenciam as taxas de violência. Aqui, estão aqueles fatores que criam um clima aceitável para a violência, aqueles que diminuem as inibições contra ela e aqueles que criam e sustentam divisões entre diferentes segmentos da sociedade ou tensões entre grupos ou países diferentes. Estão entre os fatores significativos da sociedade:

- Normas culturais que sustentam a violência como forma aceitável para resolver conflitos;
- Atitudes que consideram o suicídio como uma questão de escolha individual em vez de um ato de violência evitável;
- Normas que dão prioridade aos direitos dos pais sobre o bem-estar da criança;
- Normas que fixam o domínio masculino sobre as mulheres e crianças;
- Normas que apoiam o uso excessivo da força pela polícia contra os cidadãos;

- Normas que apoiam o conflito político. Estão também incluídos entre os fatores relevantes da sociedade as políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais que mantêm altos níveis de desigualdade econômica ou social entre grupos.

A proposta ecológica enfatiza as múltiplas causas da violência e a interação dos fatores de risco que operam no interior da família e dos contextos mais amplos da comunidade, como o contexto social, cultural e econômico. Colocado em um contexto de desenvolvimento, o modelo ecológico mostra como a violência pode ser causada por diferentes fatores em etapas diversas da vida. Embora alguns fatores de risco talvez sejam específicos de certos tipos de violência, os vários tipos de violência, em geral, têm fatores de risco comuns.

Normas culturais predominantes: pobreza, isolamento social e fatores como abuso de álcool, de drogas e acesso a armas de fogo são fatores de risco de mais de um tipo de violência. Como resultado, não é raro que alguns indivíduos incluídos em situação de risco experimentem mais de um tipo de violência. Mulheres em risco de violência física da parte de parceiros íntimos, por exemplo, também se encontram em risco de violência sexual¹. É também comum perceber associações entre diferentes tipos de violência.

O estudo demonstrou que a exposição à violência no lar é associada ao fato de vir a ser vítima ou agressor um adolescente ou adulto. A experiência de rejeição, abandono ou indiferença pelos pais coloca as crianças em maior risco de comportamento agressivo e antissocial, inclusive de comportamento abusivo quando adultos. Foram encontradas associações entre o comportamento suicida e diversos tipos de violência como maus tratos infantis violência por parceiro íntimo, agressão sexual e abuso de idosos

3.7.2 Modelo de Walker (Ciclo de violência doméstica)

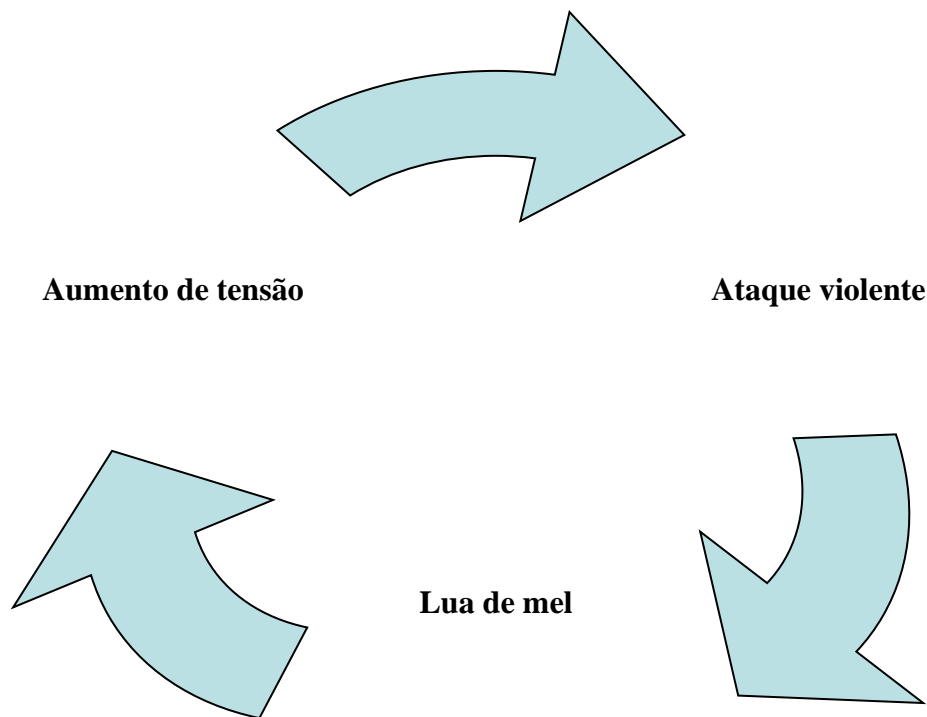
Vários são os modelos explicativos da violência doméstica. Porém, elegeu-se o modelo de Walker por ser o que se enquadra melhor no paradigma psicoafectivo das relações de intimidade conjugal. Esse modelo explica o padrão de violência nas relações de intimidade através de um ciclo composto por três fases: na primeira, “acumulação da tensão”, verifica-se uma escalada da tensão existente, culminando na fase seguinte: “ataque violento”, a qual dura geralmente entre duas a vinte e quatro horas; a seguir existe um apaziguamento da violência,

a chamada fase de “lua-de-mel”: o agressor pode pedir desculpas, mostrar arrependimento, manifestar comportamentos de carinho ou simplesmente existir uma ausência de tensão (Tomas, 2016) .

Deste modo, o Ciclo de Violência Doméstica deve ser entendido como um sistema circular, no qual as dinâmicas da relação de casal se manifestam sistematicamente passando por três fases distintas que podem variar consoante o tempo e intensidade para o casal e entre diferentes casais. O mesmo autor apresenta o esquema do ciclo de violência doméstica:

Figura 2

Ciclo da violência doméstica



Na primeira fase pode começar a instalar-se na vítima um padrão de desamparo, ou seja, por vezes percebe-se que as suas ações ajudam a apaziguar a escalada da tensão e outras vezes não, o que gera uma sensação de falta de controlo relativamente à situação. É geralmente na segunda fase que a polícia é chamada (se o for), no entanto, em diversos casos a vítima quando confrontada com a intervenção policial não a apoia e demonstra cumplicidade com o

companheiro, o que pode ser entendido como uma estratégia para demonstrar lealdade ao agressor, tentando minimizar a probabilidade de novas agressões (Sarmiento, 2011).

É no início da terceira fase que as vítimas mais procuram ajuda e onde as probabilidades de se libertarem são mais elevadas, no entanto devido à mudança de atitude do agressor, mesmo com a memória recente dos acontecimentos, muitas pretendem retirar queixa (se tal for possível), mostrando arrependimento por terem tomado essa atitude, apesar desse arrependimento ser geralmente pouco duradouro, pois a tensão volta a subir e os incidentes de violência sucedem novamente (Sarmiento, 2011).

Nessa ordem de ideias, OMS (2002). Defende que a violência doméstica é melhor explicada por fatores psicológicos (ex.: perturbações de personalidade em ambos os sexos) do que por fatores sócio estruturais. Este autor refere que é necessário adoptar outras visões do fenómeno, menos investidas de questões politizadas em torno do género e mais abertas a contributos de carácter interdisciplinar.

Diversos estudos comprovam a natureza transversal da violência doméstica, existindo heterogeneidades a nível estrutural e cultural (Pascuali, 1999). Essa ideia é de certa forma concordante com o pensamento do modelo ecológico do crime, no qual a violência não pode ser explicada por um único fator, por tratar-se de um problema complexo e que resulta da interação entre diversos fatores, que podem ser agrupados em quatro níveis: o individual, o das relações interpessoais próximas, o contexto da comunidade onde essas relações ocorrem, e por fim um nível mais abrangente relativo à sociedade (OMS, 2002).

Este modelo que começou a ser utilizado no final dos anos setenta, aplicado ao abuso de criança (OMS, 2002). Foi posteriormente aplicado a outras situações como a violência contra mulheres em relações de intimidade e à violência sobre idosos. Em traços gerais, este modelo orienta a prevenção e o combate à violência, apontando o caminho para a intervenção ao nível de fatores de risco a nível individual, para a mudança de comportamentos de risco; para a intervenção ao nível das relações interpessoais próximas, de modo a promoverem-se ambientes familiares saudáveis e o apoio profissional às famílias disfuncionais. Em termos dos níveis de intervenção mais abrangentes, aponta o caminho a diversas medidas, nomeadamente à formação dos polícias, e outros profissionais, para melhor identificar e

responder às situações, e ao policiamento de proximidade. Entre outras ações de carácter mais global inclui-se o combate da desigualdade de género, de práticas e atitudes culturais adversas e a eliminação de fatores de carácter económico e social que contribuam para a violência (OMS, 2002).

As respostas das sociedades no domínio da violência doméstica podem ser de três tipos: intervenções de carácter legal, de saúde ou social (ex.: casas abrigo, apoio jurídico) tipologias que podem ter reflexos nos quatros níveis de atuação implicados no modelo ecológico, (Tomas, 2016)

Consequência da violência doméstica

Em termos de saúde, para além dos ferimentos físicos, a violência doméstica conduz muitas vezes a sintomas psicossomáticos, perturbação de stress pós-traumático, fobias, depressão, ansiedade, propensão para o abuso da nicotina, do álcool e de fármacos, maior propensão para o suicídio e problemas na área sexual e reprodutiva (Kenny & Riain, 2008).

As vítimas de violência física, sexual ou emocional necessitam 4 a 5 vezes mais de cuidados psiquiátricos, pois em alguns casos já tentaram o suicídio mais vezes do que as restantes vítimas. Para além disso, em numerosas ocasiões as crianças presenciam as situações sendo negativamente afetadas, a nível emocional e comportamental, prejudicando a sua saúde mental das mesmas (COE, 2006).

De acordo com Barros e Cerejo (2008) constituem consequência da violência doméstica as seguintes equimoses/hematomas, feridas, coma, hemorragias, intoxicações, lesões genitais, obesidade, entre outros sintomas/doenças. Relativamente à saúde psicológica, os valores foram ainda mais evidentes relativamente aos seguintes sintomas/situações: sentir (sempre): desespero, vazio, desânimo, sentimento de culpa, tristeza e pesar, e ansiedade; ideação suicida, tentativas de suicídio

III. METODOLOGIA

Nos capítulos **I, II e III** procurou-se contextualizar este estudo quer do ponto de vista da definição do problema, dos objetivos e das questões de pesquisa, quer sob ponto de vista da identificação da literatura de suporte ao estudo. O presente capítulo apresenta os principais vectores metodológicos que ajudaram a dar resposta às perguntas de pesquisa: métodos usados no estudo; a população alvo da pesquisa e a amostra; os instrumentos e técnicas usadas para a coleta de dados; procedimentos no tratamento de dados; as considerações éticas, limitações e lacunas possíveis ao longo da investigação.

4.1.1 Descrição do local de estudo

O presente estudo foi realizado no Gabinete de atendimento a Famílias e menores vítimas de violência (GAFMVV) localizado na Avenida Eduardo Mondlane, entre as ruas da Zâmbia e rio Tembe. O gabinete de atendimento surge em cumprimento de alguns protocolos ratificados por Moçambique nomeadamente: Declaração de Beijing, a Declaração da SADC sobre Género Desenvolvimento, a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher e convenção dos Direitos da criança.

No ano 2000 iniciou-se um projeto-piloto, com apoio do UNICEF a partir do qual foram criadas quatro secções de atendimento às vítimas, sendo duas na Cidade de Maputo – 2ª e 10ª Esquadras da PRM e duas na Província de Maputo na 1ª Esquadra e no Comando Distrital de Boane.

O GAFMVV tem como objetivo solucionar e dar apoio psicossocial a todas a vítimas que dao entrada ao gabinete e consciencializar as famílias e vítimas acerca deste fenómeno que tem crescido de forma acentuada, pois, constituem obrigação do Governo, oferecer às camadas desfavorecidas, a proteção e segurança, o direito dos cuidados primários de saúde, educação, defesa e justiça, entre outros.

4.1.2 Abordagem metodológica

O presente trabalho tem como objetivo “Analisar as percepções dos homens sobre a violência no seu sistema familiar”, tendo como local de estudo o gabinete de atendimento a famílias e menores vítimas de violência (GAFMVV), do comando da PRM-Cidade de Maputo. Para a

prosseção do mesmo no que se refere a abordagem usar-se-á o tipo de pesquisa qualitativa, que se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamento, etc. (Lakatos & Marconi, 2009).

Como método de abordagem, escolheu-se o hipotético-dedutivo, que, de acordo com Demo (2000), parte de um problema definido pelo pesquisador, que é solucionado através de hipóteses de investigação que são sujeitas à verificação através da pesquisa empírica. Escolhi este método, pelo facto de também ter partido de uma hipótese de estudo que procuro testar ao longo do desenvolvimento da investigação. Quanto aos objectivos a pesquisa designa-se exploratória porque se encontra na fase preliminar, tendo como objectivo proporcionar mais informações sobre o assunto que se pretende investigar, a fim de proporcionar maior familiaridade com o problema e torná-lo mais explícito (Gerhadt e Silveira, 2009).

4.1.3 População

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum. A delimitação da população consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenómenos etc, serão pesquisados, enumerando suas características comuns, como por exemplo organização a que pertencem.

Na presente pesquisa a população de estudo é constituída por 15 homens de idade compreendida entre os 18-59 atendidos no GAFMVV, durante o primeiro semestre de 2023, onde 25% corresponde aos homens com idade compreendida entre os 25-30, e 75% corresponde aos homens com idade compreendida entre os 30-59.

Quanto ao agregado familiar dos entrevistados, 10 dos homens entrevistados o seu agregado varia de 4 a 7 membros e os restantes 5 varia de 3 a 5 membros. Relativamente ao estado civil dos entrevistados 2 são casados e os restantes 13 apenas numa união de fato. No que tange a ocupação profissional 10 dos entrevistados faz conta própria e os 5 restantes de formação técnico profissional.

Referente a habilitação literária dos entrevistados varia da 1^a a 12^a classe que corresponde a 10 entrevistados e os 5 restantes possuem formação técnico profissional. No seu sistema familiar eles não só vivem com suas parceiras e os filhos, mas também com seus irmãos e cunhados.

4.1.4 Amostra e técnica de amostragem

Para Gil (2008) considera amostra como sendo todo subconjunto da população retirado para se obter informações sobre essa mesma população. Amostragem é o processo de retirada de “n” elementos amostrais, na qual deve seguir um método adequado (tipos de amostragem), ou seja, o processo pelo qual o investigador faz seleção dos elementos de uma população para fazer parte de um estudo (Gil, 2008).

Na mesma perspectiva, Cohen, Manion & Morrison, (2007); Kothari (2004) afirmam que neste procedimento, o pesquisador focaliza-se num grupo particular, com plena consciência de que este não representa a generalidade da população, é apenas representativo de si mesmo. Contudo, estes autores consideram que pesquisas desta natureza são relativamente menos complexos de conceber, consideravelmente menos caras e mostram-se adequadas para pesquisadores cuja intenção não é extrapolar os seus resultados para além da amostra.

O critério de amostragem usados no trabalho é a amostragem por tipicidade ou intencional. Segundo Gil (2008), Amostragem por tipicidade ou intencional constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que com base nas informações disponíveis, possa ser considerada representativo da população. A amostra desse estudo foi fixada em 15, porém, o número poderá ser reduzido, mantendo-se a sua representatividade com estratificações por faixa etária, pelo grau de familiaridade das vítimas com o assunto e disponibilidade de participar do estudo após solicitação.

4.1.5 Técnicas de recolha de dados

Para garantir o alcance do objetivo desta pesquisa, utilizou-se a técnica da pesquisa bibliográfica, a qual se serve de material já publicado, constituído principalmente por livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013).

Será também dirigida uma entrevista que é considerada uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objectivo de obtenção dos dados que interessam á investigação (Gil, 2008).

O tipo de entrevista a ser aplicada é a entrevista semiestruturada pois, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), nele o pesquisador organiza as questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e as vezes incentiva que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Esta técnica resulta da combinação de perguntas abertas com perguntas fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Segundo Fortin (2003), a técnica de entrevista semiestruturada, proporciona as vantagens seguintes: facilitar a captação imediata da informação desejada, fornece a possibilidade de fazer correções antecipadas, ainda no local de estudo.

No presente estudo foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada através de um guião com questões individuais, previamente definidas e desenvolvidas num contexto de uma conversa informal, com o intuito de recolher os dados. As entrevistas foram elaboradas e estruturadas sob inspiração de Ribas e Fonseca (2008) e permitiram a coleta de dados sócio demográficos das participantes tais como: idade, ocupação, nível de escolaridade, estado civil, número do agregado familiar; histórico de família de origem. Estas decorreram num ambiente reservado, com duração máxima de cinquenta minutos.

4.1.6 Técnica de análise de dados

Os dados desta pesquisa serão analisados por meio do uso da análise de conteúdo, que segundo Bardin (citado por Gerhardt & Silveira, 2009, p.84), é aquela que representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. O processo de análise de dados desta pesquisa obedeceu os seguintes passos: a transcrição, a codificação e a categorização. Na transcrição procedeu-se a digitalização clara das informações recolhidas; Na codificação, transformou-se os dados brutos em símbolos; e por fim a categorização, fez-se o agrupamento ou registo de informações semelhantes em categorias.

4.1.8 Procedimentos

As entrevistas foram feitas de 10 a 18 de junho de 2023. Dos 15 selecionados, apenas 9 participantes representam a amostra. No primeiro dia foram entrevistados 3 homens vítimas de violência, no segundo dia 7 e no terceiro 5. Com a permissão de cada entrevistado a conversa decorreu na sala de atendimento a famílias e menores vítimas de violência e as respostas foram escritas pelo investigador tendo como base um guião de entrevista.

4.1.9 Limitações do estudo

Não obstante o alcance da meta neste capítulo, a pesquisador reconhece a existência de algumas lacunas no processo de coleta de dados tais: A relutância dos homens em procurar ajuda, denunciar ou mesmo falar da violência que o mesmo sofre, pouca disponibilidade de obras que falem desta problemática a nível de Moçambique; muitas obras que tratam do assunto estão escritas em Inglês e a pesquisador não domina esta língua; o facto do pesquisador ser residente quase na área de estudo, o que poderia contribuir para que algumas participantes fossem conhecidas e tivessem inibição em contar algumas verdades das suas experiências de vida.

IV. ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

No presente capítulo do trabalho procede-se com a apresentação da análise, interpretação e discussão dos dados obtidos no campo. Nesta ordem de ideias, foram traçados quatro objetivos específicos e a apresentação poderá basear-se na comunhão destes com as perguntas de pesquisa.

Tendo sido privilegiada a entrevista semiestruturada como técnica de recolha de dados e embora a amostra tenha reduzido de 15 para 9 de acordo com o seguimento dos critérios mencionados no subtítulo amostra e técnica de amostragem, a análise de dados seguir-se-á com a garantia da confidencialidade e o anonimato, onde os participantes serão identificados da seguinte forma: H1, H2, H3, até H9.

4.2.1 Causas das ações de violência perpetradas contra os homens dentro do seu sistema familiar

O primeiro objetivo definido visa “Identificar as causas da violência perpetradas contra os homens dentro do seu sistema familiar”

Para materialização deste, constam na primeira fase do guião de entrevista, questões referentes ao histórico da família de origem como ilustra a primeira pergunta

Quantos membros compõem o seu agregado familiar? Qual é o grau de parentesco?

Para uma melhor compreensão o pesquisador formulou uma tabela contendo todas as características dos participantes como ilustra a tabela abaixo

Tabela 1: Características dos participantes da pesquisa

Participante	Idade	Escolaridade	Profissão	Residência	Tipo de casamento	Nºde filhos
Caso H1	27	Médio	Membro da PRM	Laulane	União fato	de Nenhum
Caso H2	30	Médio	Membro da PRM	Maxaquene	União fato	de 2

Caso H3	22	Primário	Agente M- pesa	Alto-maé	União de fato	1
Caso H4	48	Técnico profissional	Enfermeiro	Magoanine	Civil	5
Caso H5	19	Médio	Membro da PRM	Laulane	tradicional	1
Caso H6	39	Primário	Carpinteiro	Hulene A	Civil	3
Caso H7	59	Primário	Carpinteiro	Hulene A	Tradicional	5
Caso H8	18	Médio	Membro da PRM	Mafalala	União de fato	nenhum
Caso H9	35	Técnico profissional	Eletricista auto	Alto-maé	Civil	2

De acordo com a tabela podemos notar que, dos 9 participantes escolhidos, quanto ao número de filhos apenas 2 deles não tem filhos, e concernente ao tipo de casamento como ilustra a tabela 3 deles são casados oficialmente, 2 deles contem casamento tradicional vulgarmente conhecido como lobolo, e o restante apenas com união de fato. Quanto a idade dos 9 participantes varia dos 19 a 59 anos de idade e o grau de escolaridade varia do primário a técnico profissional.

4.3.1 Histórico familiar da violência domestica

*“ Eu venho de uma família humilde, de 7 membros incluindo os meus pais 2 irmãos e duas irmãs, eu fui a primeira sorte do casal, e quanto ao casamento meu pai so lobolou a minha mãe não chegar de fazer um casamento civil”.
(Respondente H4)*

“Minha família de origem, ok., somos de chibuto digo os meus pais, mas eu e os meus irmãos mais velhos nascemos na cidade de Maputo onde também vivemos até hoje, o que eu tenho a dizer é que venho de uma boa família onde perdi minha mae muito cedo e o meu pai teve que casar a minha tia na nossa cultura a gente chama de contchinga, pois meu pai já tinha lobolado a minha mae, já quando ela morre ele teve que casar a minha tia mais nova” (RespondenteH9)

“Donde eu venho minha mãe foi tudo pra mim, meu pai morreu muito cedo, e desde lá não tivemos bons relacionamentos com os dois padrastos que tivemos acho mesmo que sempre sentimos a falta do nosso pai biológico mesmo com a presença dos padrastos, minha mãe foi lobolada pelo meu falecido pai, e por sua vez o meu padrasto também veio a lobolar a mama ”(Respondente H2)

Após os relatos supracitados do entrevistados podemos perceber que a história da violência é um assunto complexo e sensível que envolve o estudo das dinâmicas familiares ao longo tempo, incluindo a ocorrência de violência. Para Gomes (2009) defende que para entender a ocorrência histórica de violência doméstica é importante ter em consideração:

- **Ciclo da violência:** A violência domestica muitas vezes segue um ciclo de tensão , explosão e reconciliação. Isso pode se repetir ao longo das gerações , com filhos testemunhando a violência de seus pais e, por vezes, perpetuando o padrão em sua próprias relações..
- **Fatores de risco:** Historias de violência de violência doméstica em uma família podem aumentar os fatores de riscos para futuras gerações. Isso inclui violência na infância, falta de modelos saudáveis de relacionamento e comportamentos apreendidos.
- **Abuso Inter geracional:** Em algumas famílias, o abuso pode ser transmitido de uma geração ´para a outra, tornando-se parte de um padrão familiar, ou seja, filhos que crescem em um ambiente de violencia tem maior probabilidade de se tornarem vítimas ou agressores.

Pode-se notar que os pontos citados por Gomes (2009) se encontram alinhados com os relatos dos entrevistados h2, h9 e h4 que afirmam ter visto a violência fazer parte de seu desenvolvimento, e a mesma violência faz parte das suas famílias até hoje.

4.4.1 Violência materna em relações conjugais (causas e motivações)

“Os meus pais lutavam muito, eu não gostava de ver aquilo, lembro de uma vez que minha mãe mordeu o meu pai até sangrar, ihh nem quero lembrar mais.”
(Respondente H1)

“Sim, apesar de não ter presenciado muito isso na altura pois eles costumavam brigam no quarto, eu lembro fique só conseguia ouvir gritos por parte da minha mãe, mas põe incrível que parece meu pai saia com marcas de unhas no quarto.”
(Respondente H8)

“Eu acho que não é na minha família naquele tempo se lutava muito, havia muita violência e o caso dos meus pais não fica de fora também brigavam muito apesar de não ter muitas lembranças desse tempo.”(Respondente H7)

Com base nos depoimentos acima, podemos verificar em alguns casos que os entrevistados vivenciaram a violência na sua infância onde Freud (1986) defende não haver completo esquecimento apesar dessas experiências caírem no silêncio, onde por sua vez na sua teoria psicanalítica Freud no seu modelo de aparelho psíquico fala do inconsciente como repositório de experiências infantis suprimidas da consciência por seu caráter excessivo em face da capacidade de compreensão por parte da criança.

Em resumo, dos depoimentos dos informantes identifiquei três motivos que levam a ações de violência, dentre os quais: falta de entendimento entre o casal, dinheiro, consumo excessivo de álcool por parte dos homens e a insatisfação sexual por parte das mulheres. Na falta de entendimento, alguns informantes homens referiram que as suas esposas são controladoras e não entendem quando eles saem para conversar com os amigos, amigos esses que ajudam no caso houver algum problema relacionado com dinheiro. Quanto ao dinheiro, os homens reclamam que são mais agredidos constantemente quando desprovidos do mesmo

4.5.1 Percepções e experiências emotivas vividas por homens vítimas de violência doméstica

“Para materialização deste, constam na primeira fase do guião de entrevista, questões referentes as vivencias e experiências de violência contra o homem (tipos, razões e consequências) como ilustra a primeira pergunta: Como avalia a sua relação conjugal?

Várias foram as opiniões obtidas em torno da questão e constatou-se que a maior parte das respostas foi unânime em referir-se á relação conjugal, como sendo um desastre, alguns inclusive denunciam a existencia de outros homens na relação. Assim, maior parte dos entrevistados frisou:

“ ...ah pra mim, acho a minha relação muito turbulenta já não é mais aquilo que era, não reconheço mais a minha parceira, a mulher que eu decidi casar a mais dos meus filhos, daí até falar desse assunto, sabe cheguei a achar que existia uma terceira pessoa no nosso relacionamento, são brigas pra lá e pra cá ”(Respondente H6)

“ Acho eu que já não do mesmo pra suportar se ainda estou com essa senhora é por causa das crianças que podem passar mal, pois eu acredito que quando as coisas não estão bem bem com a senhora as crianças sofrem por isso, eu só penso na casa e nas crianças pois não vejo um bom término pra nossa relação...” (Respondente H9)

“ Sim pois bem agora intendo quando dizem as boas coisas não duram, falo isso por causa da minha relação que já foi uma maravilha e agora é o contrário disso, eu só fico em paz quando estou a trabalhar, pois o trabalho na carpintaria também não é fácil, tenho 15 anos de experiência nessa área, constrói muita coisa com esse trabalho quando ainda era feliz com a minha mulher, se calhar exista outro homem pois eu não a reconheço mais”. (Respondente H7)

O relacionamento abusivo pode ser definido, em linhas gerais, como uma relação na qual são praticados atos de agressão para com a vítima de modo a torna-la submissa, prevalecendo uma convivência abusiva, não somente constatada pela violência física, como também psicológica, verbal e sexual. (Leão; Terra; Greco; Milczarski, 2017, p.1)

É evidente que os entrevistados se sentem num esquema de relação abusiva, no entanto, relacionamentos abusivos podem afetar pessoas de qualquer gênero, incluindo homens. Os sinais de um relacionamento abusivo incluem controle excessivo, manipulação emocional, violência física ou verbal, isolamento social e outras formas de abuso. É fundamental que qualquer pessoa que esteja em um relacionamento abusivo busque ajuda, seja através de amigos, familiares ou organizações de apoio.

4.6.1 Motivos que levam os homens a procurar os serviços de assistência dos técnicos do GAFMVV

“Estou cansado de ser violentado pela minha senhora, ela não me considera não me respeita e ainda me agredi em frente as crianças e eu tenho que suportar isso, ora porque você é aquilo, ora você é este , ora você já não me satisfaz, dói até de falar ...razão pela qual procurei ajuda ao gabinete de atendimento a esses casos , porque eu já estou a ver a ideia dela, é que eu saia e ela ficar com a casa, mas isso ela não vai conseguir pois já estou a procurar ajuda do gabinete.”(Respondente H9)

“No meu caso foi fácil eu já faço parte do GAFMVV mas nunca pensei que iria passar por isso alguma vez mas estou aqui dei entrada pois já estou familiarizado com a situação”(Respondente H2)

“Sendo membro do efetivo do GAFMVV nunca achei que passaria por isso mas deixei o orgulho de lado e dei a entrada aos serviços de atendimento e assistência”(Respondente H1)

Percebe-se que os homens podem procurar os serviços de apoio contra violência doméstica por diversos motivos, como Ramos e Silva (2011) defendem que alguns homens são vítimas de violência de suas parceiras íntimas e buscam ajuda para proteger sua segurança e bem-estar e preocupação com os filhos, visto que homens que estão preocupados com o impacto

da violência doméstica em seus filhos podem buscar apoio para garantir a segurança e o bem-estar das crianças.

Ao passo que as respostas dos entrevistados veem de um basta a uma relação abusiva e as agressões que tem sofrido, pois percebe-se que são momentos de amor no início acompanhados de momentos de tensões que confunde a vítima de violência como algo que ira passar como se fosse uma fase que todo casal passa, e ao ver que não há mudança a relação só está a ficar mais abusiva é de acordo com os entrevistados procuram os serviços de atendimento as vítimas de violência.

É importante notar que a busca de ajuda por homens em situação de violência doméstica é um passo positivo para a segurança e o bem-estar de todos envolvidos, e os serviços de apoio estão disponíveis para oferecer suporte a todos que necessitam

4.7.1 Tempo de experiência de vítimas de violência domestica

“Não posso precisar mas há bastante tempo eu tenho paciencado esses atos, algumas vezes chegávamos mesmo lutar, mas eu não costumava reagir por causa das crianças” (Respondente H6)

“Já a bastante tempo, lembro do dia em que ela me puxou os órgãos sexuais, eu vi que isso já não da, e ela nada de sair da minha casa eu estou cansado dela.” (Respondente H8)

“Não posso precisar, é algo que me cansou vejo vivendo violência a bastante tempo. ” (Respondente H4)

Os entrevistados foram unanimes, concernente ao início da violência, não sabendo como tudo mudou, de uma relação saudável para uma conflituosa isso é evidente no posicionamento de Martim e Martins (2018) defendem que momentos de tensões são acompanhados de momentos de amor que confundem a vítima de agressão, a primeira fase é a manifestação das atitudes controladoras, do ciúme excessivo e do sentimento de posse por meio da violência psicológica. Já na segunda fase, nessa sim vem as agressões físicas, que se misturam com a violência psicológica numa maior intensidade , é onde o amor se transforma em ódio como num passe de mágica, deixando marcas aparentes e ocultas , internas e externas na vítima

referem os autores, enquanto que na terceira fase é o de arrependimento , de pedido de desculpas e promessas de mudança , uma fase perigosa em que ocorre uma manipulação que confunde a vítima e dificulta a saída da mesma para procura de ajuda ou mesmo da relação abusiva em que se encontra, já que com as demonstrações de carinho a vítima acaba achando que a situação irá mudar.

4.8.1 Causas e tipos de violência em relações conjugais

“Acho que falta de consenso, que me faz eu cair na bebedeira, ha vezes que não volto a casa depois dos meus convívios com amigos pois ela usa o álcool com pretexto para se defender e a gente nunca se entende, acho que um pouco de ciúme também, ela é ciumenta demais, nos finais de semana se eu demorasse voltar ela mandava mensagem a falar pra eu dormir com os meus amigos e amantes, sabe coisas sem cabeça. ”(Respondente H1)

“...sabe é difícil entender essas mulheres, zangou por tudo e por nada, a vezes que são ciúmes, as vezes é falta de entendimento, pois eu não bebo pra falar das bebedeiras. Eu como já te disse, essas nossas damas não se conformam, não ter dinheiro dentro duma relação já é motivo de haver confusão em casa, ora quero dinheiro para isto, aquilo, e eu como homem há vezes que estou desprovido, não tenho dinheiro, como fazer, e ai começa o barulho, ora você não quer me dar dinheiro, hei-me viver como eu, mas não porquê não tem cenas básicas em casa, e com isso me sinto violentado”.(Respondente H2)

... falta de entendimento pois não bebo, uma das principais razoes das nossas brigas é a falta de entendimento, pior quando atinge esses níveis, só pra imaginar eu por pouco ficava sem olho ela meteu os dedos dela na minha visão, Outras mulheres têm problemas de stress e temperamento, gostam de discutir e lutar dentro do relacionamento, não precisa você como homem fazer algo, a mulher por si de natureza pode gostar de confusão, e o resultado só pode barulho todos dias, e se eu como homem gosto dela, só posso aguentar e ficar com ela mesmo em condições como estas que disse e aguentar, mas de certa forma incomoda. (Respondente H7)

“No meu entender eu sofro mais a violência verbal e a psicológica, pois da pra perceber isso dela quando ela precisa de certo valor e eu não tenho o valor no momento ela começa a dizer nem pra isso você, mesmo essas crianças que são suas você não consegue comprar roupas pra elas não sei que tipo de homem es tu, e isso dói me tanto mas tanto mesmo que não sei o que fazer”(Respondente H3)

“Irmão essas nossas damas não precisam de armas brancas pra nos ferir, só com a boca dela já tira coisas pobre, dizendo que tipo de homem es tu, há vezes irmão que a vida aperta mas elas não querem entender isso, a minha esposa de coragem de dizer vou fazer o que com 200 mts, se não quer me dar dinheiro de cozinhar deixa, eu que sou homem e mulher eid ver o que faço”(Respondente H8)

O comum dos relatos dos nossos entrevistados referem-se mais ao ciúme e a falta de atenção que os homens entrevistados já não dão as suas companheira alinhando –se ao pensamento de Teles e Minayo (2011) referem que violência é justificada pela falta de acesso aos recursos básicos alegando o fato da relação ser conflituosa demais que os portais de atenção acabam se fechando, a falta de gratidão por parte delas pelo esforço que os parceiros fazem pra prover sustento em casa, exigências excessivas entre outros, o consumo de álcool também é abrangido apesar de nem todos beberem, mas as bebedeiras contribuem para a relação conflituosa.

Matias (2013) quando refere que o abuso conjugal pode revestir-se na forma de diversos comportamentos tais como agressões físicas e agressões verbais.

É importante lembrar que a violência em relacionamentos conjugais é prejudicial, independentemente do gênero da vítima. Homens que são vítimas de violência doméstica devem buscar ajuda em serviços especializados e agencias de apoio a vítima.

4.9.10 impacto da violência conjugal na presença das crianças

J“Sim... ela irmão não tem respeito insulta de qualquer maneira mesmo na presença dos nossos filhos, ela as vezes se acha a dona do pedaço e eu por outra quando ela

começa com seus espetáculos eu só calo assistir, as vezes posso sair de casa ir tomar umas duas relaxo e só volto pra dormir assim evito muita coisa” (Respondente H6)

“Sim ela me agride... Mulher irmão quando tem falta de respeito, ela simplesmente pode fazer o que bem lhe entender” (respondente H7)

A resposta foi unanime que “sim” sofrem todo tipo de violência na presença das crianças que experimentam e vivem a violência. Segundo Magro (2014) é infância onde a personalidade, integridade e traços mentais são meramente originados, e são exclusivos da família prover afetividade, atenção e proteção a criança e ao adolescente para que, com isso, esses traços sejam saudáveis.

É possível notar na explicação de Magro (2014) que crianças que sofreram os impactos da exposição à violência doméstica poderão elaborar uma conduta criminosa ou de inferioridade decorrendo assim para o futuro, indiciando adultos criminosos ou adultos que aceitem ou pratiquem a violência doméstica como um ato normal e rotineiro, pelo fato de terem passado por essa experiência na infância

“Eu costumava lutar com ela mas acabei por deixar porque parece todos os dias que isso, irmão eu até hoje tenho marcas de unhas no meu corpo, outro dia ate me segui na barraca a tomar umas alegando que não deixei dinheiro suficiente me envergonhou perante os meus bradas...” (Respondente H2)

“Meu brada para evitar o pior quando ela começa com as loucuras dela de ciúme e chingamento eu só calo e saio de casa vou apanhar ar fresco se bebesse juro que iria na barraca essa senhora irrita sabe” (Respondente H3)

“e fácil eu saio e le deixo com a casa ate ela relaxar apesar de não relaxarem essas cobras”(Respondente H9)

Como forma de evitar o conflito em casa o entrevistado opta em sair de casa e só voltar quando a situação estiver acautelada

4.9.2 O momento de conscientização: Quando as vítimas reconhecem a necessidade de procurar ajuda nas relações abusivas

“Por pouco eu pedia a visão com essa dama quase me tirava o olho com a unha, eu vejo consentindo muito coisa mas dei um basta swe não um dia ainda me queima com óleo ou mesmo me matar”(Respondente H6)

“Queixar nunca, uma vez até já pensei em fazer isso, mas depois desisti, a minha mulher falou comigo, nos entendemos e deixei o caso assim. Mas mesmo se ela não tivesse me feito o pedido, acho que não ficaria bem eu queixar para ela, crescemos num país em que os homens é que têm esse carácter de violentar e se acontece o contrário fica uma coisa muito estranha”(Respondente H4)

“Não me passa pela cabeça denunciar minha esposa porque aqui em Moçambique não é habitual denunciar, a nossa cultura não permite que um homem queixe para a sua mulher, se isso acontecer comigo, não posso contar para ninguém. Imagine se tua mulher ti dá uma bofetada e tu corres logo para queixar, pode ser motivo de conversa um mês inteiro na zona e no país todo”(Respondente H7)

Os entrevistados sabem da violência que passam na família, mas por causa das ideologias que colocam o homem como sendo o forte, valente e provedor de sustento na famílias e a mulher como sendo frágil, cuidadosa, mãe de casa que colocam o homem como quem comente a violência, que por sua vez quando são violentados sentimentos como o medo e a vergonha servem como freio para procura de serviços de atendimento e ajuda as vítimas de violência, é por essa razão que os entrevistados só procuram ajuda quando os casos já estão agravados, como ferimentos físicos, insatisfação de ver a possibilidade de divisão dos bens, pois sofrem ameaças por parte das parceiras que vivem juntos a bastante tempo como refere Barber (2008) que na violência contra parceiros íntimos, os homens enquanto vítimas vivenciam comportamentos de controlo e agressão física, e a violência doméstica contra os homens

tende a não ser reconhecida, uma vez que estes são mais propensos a não admitir ou reportar os episódios de violência por medo do ridículo, vergonha e falta de serviços de apoio.

Em resumo, dos depoimentos dos informantes identificou-se três motivos que levam a ações de violência, dentre os quais: falta de entendimento entre o casal, dinheiro, consumo excessivo de álcool por parte dos homens e a insatisfação sexual por parte das mulheres. Na falta de entendimento, alguns informantes homens referiram que as suas esposas são controladoras e não entendem quando eles saem para conversar com os amigos, amigos esses que ajudam no caso houver algum problema relacionado com dinheiro. Quanto ao dinheiro, os homens reclamam que são mais agredidos constantemente quando desprovidos do mesmo.

4.9.2 Síntese conclusiva percepções e experiências emotivas vividas por homens vítimas de violência doméstica

As percepções e experiências emotivas vividas por homens vítimas de violência doméstica podem ser profundamente impactantes. Embora as experiências possam variar de um indivíduo para o outro, aqui estão algumas percepções e emoções comuns que os homens vítimas de violência podem enfrentar:

- **Vergonha e estigma:** muitos homens podem sentir vergonha de admitir que são vítimas de violência doméstica, devido a estigmas culturais e de gênero associados a ideia de que homens devem sempre ser fortes e capazes de se defender.
- **Medo:** homens vítimas de violência doméstica podem experimentar medo intenso em seus agressores, muitas vezes temendo represálias ou violência adicional se denunciarem a situação.
- **Confusão:** A confusão sobre como lidar com a situação e o medo de não serem levados a sério podem ser experiências emocionais comuns para esses homens.
- **Trauma:** A exposição contínua à violência doméstica pode causar traumas físicos e emocionais, resultando em sintomas de estresse pós-traumático, como flashbacks, pesadelos e ansiedade

- **Isolamento:** Homens vítimas podem se sentir isolados e sem apoio, uma vez que enfrentar a violência doméstica é muitas vezes uma experiência solitária.
- **Dificuldades no relacionamento:** A violência doméstica pode causar tensões nos relacionamentos e ter um impacto negativo nas relações com amigos e familiares.
- **Sentimento de impotência:** Homens vítimas de violência podem sentir-se impotentes diante da violência, especialmente se não veem alternativas viáveis para escapar da situação.

É importante reconhecer que a violência doméstica pode afetar qualquer pessoa independentemente de gênero. Homens que são vítimas de violência doméstica devem ser incentivados a buscar ajuda e apoio, seja por meio de amigos, familiares, profissionais de saúde mental ou organizações especializadas em violência doméstica. Além disso, mudanças culturais e sociais são necessárias para eliminar o estigma em torno dos homens que buscam ajuda em situações de violência doméstica.

4.9.3 Estratégias de intervenção adequadas para desencorajar ações de violência contra os homens e promover o bem-estar dentro do seu sistema familiar

O quarto e o último objetivo visa “Propor estratégias de intervenção mais intervenções podem ser adequadas para desencorajar ações de violência contra os homens e promover o bem-estar dentro do seu sistema familiar”

Sabe irmão esse nosso governo só apoio as mulheres ta ver isso, o governo agora so apoia essas gajas, dizendo se ela me agrediu é porque estava a se defender porque o homem é mais forte e as um lheres são frágeis, so pra ver ate na esquadra quando vais quem te atende é uma mulher, que escuta que minha mulher me bateu, pra mim não há instituição de apoio nenhum nesse pais, porque onde você queixa quem perde es tu.(Respondente H9)

eu só conheço gabinetes de atendimento a violência nas esquadras, a nos defender nunca vi nenhuma instituição a nos defender(Respondente H5)

bro quem vai nos defender nesse país, mulher pode até inventar coisas na esquadra e vir a ganhar o que você espera de Moçambique (Respondente H3)

Para conhecer aqui fui encaminhado pela esquadra do meu bairro, para poder resolver a minha situação, pois eu achava que não atendessem problemas como este. (Respondente H3)

o meu colega do trabalho vive por aqui ele foi quem me explicou acerca deste gabinete pois eu já le contava os terrores que eu vivia em casa(Respondente H8)

ouvi de um amigo que me falou deste gabinete, pois eu achava que tratavam apenas de crianças violadas sexualmente(Respondente 6)

Além daqui só passamos pela esquadra da nossa localidade, onde fui encaminhado até aqui (Respondente 4)

não conhece e nem solicitei nenhuma outra ajuda fora desta(Respondente H3)

Não me lembro de ter solicitado outra instituição mesmo aqui no gabinete eu não tinha conhecimento (Respondente H5)

De acordo com os entrevistados, eles só chegaram a conhecer o gabinete de atendimento quando o problema atingiu níveis alarmantes, e eles vem esse problema de forma parcial pois o homem sempre é visto como protagonista de violência e não a vítima, razão pela qual não conhecem outras instituições de apoio pois muitas instituições vem em nome de combate da violência contra a mulher, vendo a mulher sempre como vítima, contrariando a visão da CEDAW (1979) defende que as instituições de combate a violência contra a mulher estão cientes de que uma mulher pode ser protagonista de violência em certas situações. Embora a violência contra as mulheres seja mais prevalente e tenha consequências mais graves, também é reconhecido que existem casos em que as mulheres podem ser agressoras. As instituições de combate a violência contra a mulher trabalham para conscientizar sobre todas as formas de violência baseada no gênero.

É importante que as instituições abordem essa questão, garantido que todas as vítimas de violência, independentemente de seu gênero, recebam o apoio necessário.

4.9.4 Ações específicas que podem ser desenvolvidas para reduzir a incidência da violência contra o homem

Eu acho que podiam usar as televisões para fazer chegar aos homens que eles também podem ter ajuda, pois nem todo homem tem vergonha da violência que passa, outros irmãos tem falta de conhecimento desses lugares, acho mesmo que as publicidades nas TV iam ajudar (Respondente H9)

Redes sociais já seria um bom passo, visto que quase todo mundo usa, os programas da TV ao invés de o mostrarem novela, nos hospitais, nas igrejas, nos clubes de futebol para o homem poder ter conhecimento(Respondente H5)

Poderiam falar deste problema em palestras nos locais públicos e privados isso para mim pode ajudar (Respondente H7)

De acordo com os entrevistados poder-se-ia adoptar os seguintes mecanismo, as redes sociais, os programas televisivos para desencorajar ações de violência contra o homem e promover o bem-estar na família, este pensamento esta alinhado com o pensamento de CEDAW (1979) que defendem que para se de desencorajar essas ações de violência podem ser adotadas as seguintes estratégias de intervenção:

- **Sensibilização e conscientização** – Realizar campanhas educativas e de conscientização sobre a violência doméstica contra homens, destacando-se os impactos negativos e as consequências legais deste comportamento
- **Educação de gênero** – promover programas de educação de gênero nas escolas e comunidades, visando desconstruir estereótipos e promover a igualdade de gênero, ajudando a combater os estigmas associados a homens vítimas de violência domestica
- **Apoio psicossocial** – oferecer serviços d apoio psicológico para homens vítimas de violência doméstica e suas famílias.

A sensibilização sobre a violência perpetrada por mulheres e importante para combater estereótipos de genro prejudiciais e fornece suporte adequado a toas as vítima

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Este trabalho teve como tema análise das Experiências e Percepções dos homens sobre a violência no sistema familiar, em Maputo. O trabalho teve como objetivo analisar as Experiências e Percepções dos homens sobre a violência no sistema familiar

A visão da violência nas suas formas variadas veio confirmar a experiência vivida pelos participantes desta pesquisa. A partir da literatura constatou-se que a violência contra o homem é uma ação embaraçante com repercussões danosas de natureza física, e psicológica que incluem ameaças, coerção, redução de auto estima, conflitos e desintegração familiar, uso abusivo do álcool e drogas e constante estado de stress e medo. As emoções expressas pelos homens quando interrogados sobre a questão, foram a frustração, impotência, desespero, e desvalorização.

Os autores lidos ajudaram também a definir o quadro teórico para estudo do problema, tendo-se optado por duas perspectivas teóricas: Modelo ecológico e o modelo de Walker.

Ecológica que diz respeito ao tipo de relacionamento e de interação entre os membros do sistema familiar e a ligação que os membros do seu sistema familiar têm com o ambiente;

O modelo de Walker por ser o que se enquadra melhor no paradigma psicoafectivo das relações de intimidade conjugal. Esse modelo explica o padrão de violência nas relações de intimidade através de um ciclo composto por três fases: na primeira, “acumulação da tensão”, verifica-se uma escalada da tensão existente, culminando na fase seguinte: “ataque violento”, a qual dura geralmente entre duas a vinte e quatro horas; a seguir existe um apaziguamento da violência, a chamada fase de “lua-de-mel”: o agressor pode pedir desculpas, mostrar arrependimento, manifestar comportamentos de carinho ou simplesmente existir uma ausência de tensão.

Foi crucial identificar, a partir das narrações de suas experiências de vida, as percepções que eles têm da violência que sofrem, bem como a experiência emotiva que fazem passando pelos maus tratos perpetrados pelas suas parceiras.

VI. RECOMENDAÇÕES

À luz da bibliografia lida e dos resultados da pesquisa, o pesquisador considera pertinente as seguintes recomendações:

Às famílias

Atendendo e considerando a família o primeiro aparato de socialização e formatação da personalidade que prestem atenção e deem o apoio aos homens que buscam abrigo, aconchego e façam o acompanhamento necessário.

Aos homens vítimas de violência doméstica

Que possam quebrar as ideologias machistas e sejam abertos e adiram ao acompanhamento psicossocial, que ajudam a ter uma nova postura existencial.

Sendo as confissões religiosas instituições vocacionadas a cuidar do lado espiritual humano, que reforcem as suas ações de moralização dos fies da sociedade religiosa, em particular das famílias, sobretudo aquelas que se ressentem da falta de harmonia.

Ao o gabinete de atendimento a famílias e menores vítimas de violência (GAFMVV), do comando da PRM-Cidade de Maputo

Que continuem com erradicação da violência contra as mulheres que possam lidar de igual modo com a violência doméstica contra o homem que não vejam o homem como sendo sempre o protagonista da violência e a necessidade de construção de redes de apoio que atendam às vítimas de violência doméstica.

Que busquem mais parceiros a nível de instituições de ensino superior vocacionadas em terapia familiar e comunitária para dar mais suporte através de capacitações, palestras e sessões de terapia aos casais em conflito no seu sistema conjugal e familiar.

VII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assembleia da República, (2009). *Lei Nº 29/2009, aprova a Lei sobre a Violência Doméstica praticada contra a mulher*, Maputo.C

Arthur, M, J. (2004). *Mitos sobre violência doméstica e a proposta de lei*. Moçambique. Maputo: Outras Vozes, no 9.

Arthur, M. J. (2005). Violência contra as mulheres e cumplicidades masculinas: opinião. Mpauto: Outras Vozes, no 13/

Arthur, M. J. e Mejia, M. (2005). *Da agressão à denúncia: análise de percursos de mulheres*. Maputo: Outras Vozes, no 12.

Bock, A.; Gonçalves, M. & Furtado, O. (1988). *Psicologia Sócio Histórica*. São Paulo: Cortez.

Bronfenbrenner, U. (1996), *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas

Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research methods in education*. London: Routledge.

Demo, P. (2002), *Avaliação qualitativa*. 7ª ed. Campinas: AutoresAssociados

Dinis, J. (2009). *Violência doméstica da mulher contra o homem*. Recuperado em 5 de Janeiro, 2013, de <http://tavernadovesgo.blogspot.com/2009/06/violencia-domestica-damulher-contra-o.html>.

Fonseca P. & LUCAS (2006). *Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas*, Salvador-Ba.C

Freud, S.; Fliess, W (1986). *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess*. Rio de Janeiro: Imago.

Gil, A. C. (1996). *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. Editora Atlas: São Paulo.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6ª Ed). São Paulo: Editora Atlas.

- Gomes, H., M. (2009). *Funcionamento familiar e delinquência juvenil*
- Kenny, N. & Riain, A. (2008). *Domestic violence: A guide for general practice*. Dublin: Irish College of General Practitioners [ICGP]. Acedido em 1/06/2009, em: http://www.icgp.ie/library_catalogue/index.cfm/id/47692/event/catalogue.item.download/disposition/inline.html
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). *Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária*. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Machado, C. & Gonçalves, R. A. (2003). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto
- Kageyama, B. (2001). *A violência doméstica contra o homem*. Recuperado em 5 de Janeiro, 2013, de <http://canal.bufalo.info/2011/12/a-violencia-domestica-contra-homens/#.UOrTbuR1-Sr>.
- Minayo, M., C. & Sanches, O. (1993). *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade*. *Cadernos de Saúde Pública* 9 (3): 239-262.
- Minayo, M. (2008), *A violência dramatiza causas*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre.
- Magro, T. (2014). *Consequências psicológicas em crianças expostas à violência doméstica*
- OMS (2002), *Relatório Mundial sobre a violência e a saúde*. Genebra.
- Ostrov, J. M. & Perry, K. J. (2018). *Role of gender in violent and aggressive behaviours*. In Cambridge University Press.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família perspectiva sistémica*. Porto.
- Gerhardt T. E & Silveira D. T.(2009). *Métodos de Pesquisa* (1ª Ed). Rio Grande do Sul: SEAD.
- CEDAW. (1979), *Medidas de prevenção contra a violência de gênero*.Coimbra
- Teles, N., e Minayo, M. (2011). *Alguns Elementos de Contextualização da violência em Moçambique, Impactos da Violência: Moçambique e Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz Claves.

WLSA. (2004). *Ante-projecto de Lei sobre os Actos de Violência Doméstica*. Maputo: WLSA Moçambique.

Scott, J.,(1986). *A useful category of historical analysis*. The American Historical Review, New York, v. 19, n. 5, p. 1053-75, 1986.

Sartre, J. P. (1987). *Questão do Método Sartre*. Vida e Obra, 3a. ed. São Paulo: Nova Cultural, (Coleção Os Pensadores).

Schraiber, L. B. et al. , (2005) *Violência dói e não é direito: A violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Unesp. (Saúde e Cidadania).

.

Lisboa, M. Barros, P. P. & Cerejo, S. D. (2008). *Custos Sociais e Económicos da Violência Exercida Contra as Mulheres em Portugal: dinâmicas e processos socioculturais*. VI Congresso Português de Sociologia. Lisboa

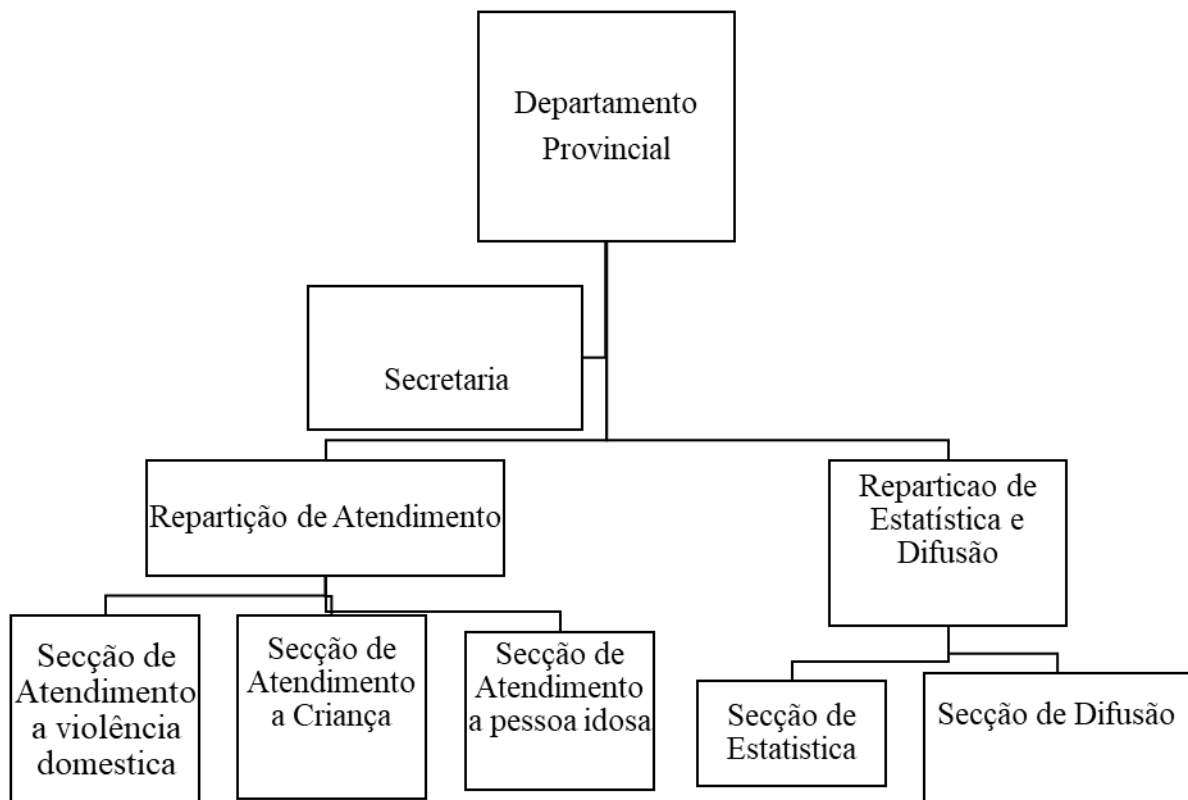
Conselho da Europa [CoE] (2006a). *Documento informativo da Campanha ‘Combat Violence against Women, including Domestic Violence’*, citando o ‘Stocktaking study on the measures and actions taken in Council of Europe member states to combat violence against women’ (Council of Europe, 2006) de Hagemann-White.

Tomás, A. (2016). *A violência contra a mulher - Um estudo de caso nas cidades de Maxixe e de Nampula*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Tese de Doutoramento. Porto.

Sarmiento, E. (2011). *O papel da Mulher no Desenvolvimento: Caso de Moçambique – Comunicação apresentada na Conferencia Internacional sobre Mulher e Desenvolvimento, Madrid – Espanha*. 49

APÊNDICES

**ORGANOGRAMA DO DEPARTAMENTO DE ATENDIMENTO A FAMÍLIA E
MENORES VITIMAS DE VIOLÊNCIA**



DAS REPARTIÇÕES E SECÇÕES PROVINCIAIS

1. O Departamento Provincial de Atendimento à Família e Menores Vitimas de Violência é constituído por 2 (duas) Repartições (que se estruturam em Secções), designadamente:

a) Repartição do Atendimento as Vítimas

- i. Secção de Atendimento as Vítimas de violência doméstica
- ii. Secção de Atendimento a Criança
- iii. Secção de Atendimento a pessoa idosa

b) Repartição de Estatística e Difusão

- i. Secção de Estatística
- ii. Secção de Difusão

c) Secretária



Guião de Entrevista

O presente guião de entrevista surge no âmbito da conclusão do curso de licenciatura em Psicologia Social e Comunitaria, oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane. O mesmo tem como objetivo permitir a colecta de dados sobre **“Análise das Experiências e Percepções dos homens sobre a violência no sistema familiar, em Maputo”**

Identificação:

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____ Estado Civil: _____

Natural de: _____ local da entrevista: _____

Filhos (Se sim, nº e idade): _____

Habilitações literárias: _____ Ocupação/profissão: _____

Nome do entrevistador: _____

Perguntas de pesquisa

1. Quantos membros compõem o seu agregado familiar? Qual é o grau de parentesco?
2. O seu pai alguma vez foi violento com a sua mãe ou com os filhos? Caso sim, porque razão isso acontecia?
3. Como avalia a sua relação conjugal
4. O que o levou a procurar os serviços de assistência dos técnicos do GAFMVV?
5. O que a levou a procurar os serviços de assistência dos técnicos do GAFMVV?
6. Quais tem sido as causas da violência de que é vítima? (Ciúmes, bebedeiras, falta de consenso, outras) e quais são os principais tipos de violência que são perpetrados contra si (física, verbal, emocional, psicologicamente)?
7. Quais tem sido as causas da violência de que é vítima? (Ciúmes, bebedeiras, falta de consenso, outras) e quais são os principais tipos de violência que são perpetrados contra si (física, verbal, emocional, psicologicamente)?
8. Como é que conheceu o GAFMVV?
9. Além do CAFMVV, conhece ou já solicitou apoio de outras instituições de apoio às vítimas de violência?
10. Que tipo de ações específicas podem ser desenvolvidas por essas instituições para reduzir a incidência da violência contra o homem



TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro por meio deste termo, que concordei em ser participante na pesquisa de campo intitulada: **Análise das Experiências e Percepções dos homens sobre a violência no sistema familiar, em Maputo** desenvolvida por Hussene Juma Aly Nordine Amuza. Fui informado(a), ainda, que a pesquisa é orientada pelo Dr. Augusto Guambe.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro apenas com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objectivos estritamente académicos do estudo.

Minha colaboração se fará de forma anónima, por meio da entrevista semi-estruturada. O acesso e a análise dos dados colectados se farão apenas pela pesquisadora e os resultados serão apresentados sem revelar o nome ou qualquer informação que esteja relacionada com a privacidade.

Fui ainda informado(a) de que posso-me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimento.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Maputo aos, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do(a) participante: _____.

Assinatura do(a) testemunha: _____.

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____.